

## Monteiro Lobato, Racismo e Literatura: narrativas de um eugenista

Neilson Silva Mendes\*  
Fernanda Nunes Maia\*\*

### Introdução

Neste artigo analisamos as expressões racistas presentes na literatura de Monteiro Lobato com o objetivo de traçar um paralelo entre o autor e sua obra. Isto porque, o nome desse autor esteve envolto em um debate a respeito do caráter racista, conforme a interpretação de muitos educadores, dentre eles o Regina Dalcastagné e Antônio Gomes da Costa Neto<sup>1</sup>, dentre outros, os quais consideram a narrativa de Lobato influencia negativamente a formação da identidade negra, de outro lado, há um grupo de professores, tais como Marisa Lajolo e João Luís Ceccantine de diversas áreas negando o caráter racial na obra de Monteiro Lobato. O embate a respeito da narrativa de Lobato chegou até o Supremo Tribunal Federal<sup>2</sup>.

Para o primeiro grupo o autor revela um engajamento político cujo intento era reproduzir as ideias raciais do século XIX, ou seja, as expressões racistas na boca das personagens não são neutras. Elas expressam as expectativas do autor. A partir disso, considerar a literatura de Lobato um produto de sua consciência sobre a realidade, uma expressão da sociedade que ele desejava? Isto é, ele reproduzia o seu ideal, sobretudo, quanto ao lugar do negro e seu futuro no Brasil.

A nossa hipótese parte de um princípio elementar, a obra literária não é neutra, de alguma forma ela expressa a subjetividade de seu autor. Além disso, no caso em tela a biografia do autor nos permite um paralelo entre sua prática, seus discursos políticos e as agressões raciais reproduzidas na sua narrativa literária.

Para tanto, lançamos mão de refletir as seguintes obras: “Caçadas de Pedrinho”, “Histórias de Tia Anastácia” e o romance “O Presidente Negro”. E a análise qualitativa através da comparação entre a obra ficcional e o discurso político do autor presente,

---

\* Mestre e Ciências Sociais e Humanidades (P.P TECCER - UEG), Esp. em História e Cultura Africana e Afro-Americana (UEG), graduado em História (UNIMEP), Professor de História na Universidade Estadual de Goiás - UEG.

\*\* Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás.

<sup>1</sup> Ela professora de Literatura da UNB e Antônio Neto Mestrando da UNB, ambos consideram a obra prejudicial a formação da criança por seu caráter racista. A Lista dos opositores é grande, porém o espaço nos faz restringir a lista.

<sup>2</sup> O Conselho Nacional de Educação recomendou que o livro “Caçadas de Pedrinho”, não fosse mais distribuído em escolas públicas, ao voltar atrás na decisão provocou o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) a reivindicar a proibição da circulação do livro.

sobretudo no livro que reúne as cartas de Lobato trocadas com diversos eugenistas<sup>3</sup> no Brasil. Com isso, conseguimos comparar se a obra e seu autor expressam o mesmo pensamento.

Assim, nossa contribuição com o debate envolvendo o autor procurou responder se estamos diante de um autor racista, de um sujeito convicto de que a sociedade deveria se organizar tendo como premissa a divisão da humanidade entre raça superior e inferior ou se, trata-se apenas de expressões recorrentes na época em que o autor produziu sua narrativa.

O texto que segue procurou responder essas questões indo além das narrativas ficcionais do autor, nos debruçamos sobre suas cartas publicadas no livro Barca de Gleyre. Nesses documentos encontramos um escritor envolvido com eugenistas de sua época. Consideramos salutar nos debruçarmos sobre a biografia desse autor e sua obra para estabelecer um paralelo entre o autor e sua criação.

Optamos em estruturar o texto sem a clássica divisão em tópicos, posto que o espaço destinado a essa produção requer uma síntese na apresentação das narrativas, das fontes e da argumentação e considerações finais.

### **Estereótipos raciais e a cosmovisão**

A literatura auxilia a compreensão sobre o ambiente sociocultural da época em que a obra foi produzida, diferente da história, a literatura é apresentada em uma forma de gênero. Ela dá base para se averiguar os aspectos sociais e culturais; afinal, a literatura também traz as configurações de um tempo e, sobretudo expressa a subjetividade do autor. Gabriela Bieger Reyes afirma que

A literatura como fonte auxilia na compreensão do ambiente sociocultural do período referente a obra, pois a transfiguração da realidade e sua transposição para a ficção traz em si significados para o entendimento da sociedade de homens e mulheres de seu tempo. (REYES, 2015, p. 1)

Nesse sentido, a obra literária não é neutra, ela é uma interpretação da realidade ou vontade de uma realidade desejada pelo seu autor. Por essa razão, a literatura torna-se uma importante fonte no campo da pesquisa histórica, auxilia na compreensão da experiência e dos fatos históricos. Porém, não pretendemos destituir a obra literária de Lobato daquilo que ela de fato é:

---

<sup>3</sup> A Eugenia cunhado pelo cientista inglês, Francis Galton, significa “os bem-nascidos”, ideia a partir da qual se defendia que alguns grupos humanos, portadores de características superiores poderia lançar mão de artifícios para evitar a contaminação das raças superiores, daí derivaram políticas de segregação e até o holocausto se realizou a pretexto da proteção da raça superior. Eugenistas, portanto, são os defensores dessa doutrina

A literatura infantil de Monteiro Lobato é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p. 27)

Porém, suas crenças estão expostas em suas obras, através de suas personagens. De acordo com a reportagem feita por Rodolfo Gamberini para o Globo Repórter<sup>4</sup>, a personagem que representa Dona Benta (Zilka Salaberry), a maior qualidade de Monteiro Lobato é dizer as verdades todas, sem medo de dizê-las e a boneca Emília reproduz as verdades do seu criador. (GAMBERINI, 2011).

Assim, a literatura de Lobato nos permite identificar o pensamento político do autor na sua arte. Porém, estamos cientes das peculiaridades do tempo em que foram escritas, uma vez que, nelas o autor apresenta espaço e tempo específicos, interpretando-os conforme sua visão de mundo.

A literatura não é uma obra de arte ingênua. Nela o escritor expressa sua percepção de mundo e ideologias com as quais ele pactua. Nesse sentido, consideramos o contexto em que esse autor produziu, ele estava bem próximo do racismo científico do século XIX, doutrinas como a eugenia, darwinismo social e evolucionismo ainda fundamentava os discursos etnocêntricos.

Nessa perspectiva os textos de Lobato recebem as teorias raciais, razão pela qual suas personagens aparecem adjetivados sob a ótica da suposta inferioridade da raça negra. Segundo essa visão o negro é de uma raça cujas as características físicas e intelectuais seriam “inferiores”. Isto é, o africano não poderia oferecer nada de positivo para a construção do Brasil moderno, conforme Schwarcz (1993) e ainda de acordo com Munanga (1999), Schwarcz (1993), Naxara (1998), os intelectuais e os homens de ciência acreditavam que a “raça branca” se sobressairia as demais. Alguns escritores da época, tais como Silvio Romero, apud Munanga (1999), acreditava que a miscigenação daria ao povo brasileiro uma identidade própria, enquanto outros defendiam que a mistura de raças degradaria a raça branca.

Lobato por sua vez compartilhava suas ideias com o amigo que como ele, condenava a miscigenação; externou seu pensamento em carta enviada a seu amigo Godofredo Rangel afirmou que “a vingança do africano seria amulatar o Brasil”.

---

<sup>4</sup> Reportagem que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão no programa Globo Repórter 100 Anos de Monteiro Lobato (1982): Disponível em <https://youtu.be/ozrWJz-btl0>, acesso em 22-11-2018

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e o físico, que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam 18 todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulando o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e refluí para os subúrbios a tarde (NEGRI, 2011 p. 33).

Lobato compôs o grupo de intelectuais que pensaram e propuseram soluções para a construção da identidade da nação; grupo este em que cada um esteve defendendo a verdade em que acreditava. Mas qual seria o lado em que o patrono da literatura infantil brasileira esteve<sup>5</sup>?

Nas linhas acima já adiantamos em parte essa resposta. Até aqui, é possível considerarmos que ele via a sociedade através de uma “lógica racial”. Oposto a inovações no campo das artes, ele também se apresentava oposto a um Brasil mistificado<sup>6</sup> para ele, o negro não traria contribuições positivas à formação do povo brasileiro: “Perguntas por que não figura meu nome nas “festas” à Miss Brasil... Se não tivesse fazendo tanto calor, eu te contaria o que é a vergonhosa mistificação” (LOBATO, 1972, p. 344). E considera essa mistificação como a “contaminação da raça branca pelas raças inferiores”. Neste trecho da carta destinada a Godofredo Rangel, Lobato refere-se à mistificação como vergonhosa.

Suas próprias palavras definem a sua visão sobre o tema “raças”. Essa expressão revela o desalento de um homem acerca de suas expectativas com relação ao futuro da nação, pois para ele, essa mistura comprometeria a identidade brasileira. Além de suas manifestações inequívocas expressando sua visão radicalizada da sociedade, apresentadas em muitas de suas cartas; sua obra literária expõe o mesmo pensamento em relação ao negro, a miscigenação e a formação da identidade brasileira.

Nesse sentido, vamos considerar aqui que sua obra carrega traços de uma ideologia racial confessa em cartas trocadas com eugenistas como Godofredo Rangel. Em razão disso, ainda hoje sua obra literária, sobretudo, a literatura infantil, tem sido fonte de debates a respeito do teor racista de sua narrativa. Seu livro, “Caçadas de Pedrinho<sup>7</sup>” foi questionada

---

<sup>6</sup> O termo mistificado é utilizado por Monteiro Lobato para designar a mistura de raças.

<sup>7</sup> O livro conta a descoberta do Marquês de Rabicó: uma onça anda rondando as proximidades do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Pedrinho e Narizinho decidem então organizar uma expedição para caçar o animal, mas sem que Dona Benta ou Tia Nastácia soubessem, que com certeza se oporiam à aventura. Após a caçada da onça, eles encontram Quindim, um rinoceronte falante, e decidem levá-lo para viver no sítio. Este livro compunha o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)

pelo Instituto de Advocacia Racial Ambiental (IARA) e pelo professor Antônio Gomes da Costa Neto, eles alegam que o livro contém estereótipos racistas. (BRASIL, 2014, p. 1).

De acordo com Mariana Oliveira (2012), em 11 de setembro de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF), realizou uma audiência afim de abordar o uso do livro “Caçadas de Pedrinho” nas redes públicas. Essa audiência foi convocada pelo ministro Luiz Fux, o relator do mandado de segurança do livro. (OLIVEIRA, 2012).

Luiz Fux negou o pedido de anulação do livro, alegando que o Supremo Tribunal se julga incapaz de resolver o caso. (Supremo Tribunal 2014). O Conselho Nacional de Educação (CNE) reexaminou o caso e, decidindo que fosse colocado no livro uma nota de rodapé, orientou os professores a trabalhar o livro de uma forma mais adequada, estando atentos aos estereótipos raciais contidos na literatura. (BRASIL, 2014, p. 1).

Reiteramos aqui, que as produções literárias não se tratam apenas as narrativas ficcionais. Monteiro Lobato é um bom exemplo de como sua arte está relacionada a sua cosmovisão. Portanto, não vamos desconsiderar que a história “Caçadas de Pedrinho” apresentem estereótipos e ideologias raciais acidentalmente, não! Os estereótipos, objetos de questionamentos na Suprema Corte, na verdade são a expressão da visão deste autor sobre “raças”. Pois, para ele, o processo de miscigenação em andamento, seria o decurso de um adoecimento mental: “Tomo como sintoma a doença mental que está se desenvolvendo no Brasil: tênia nos miolos”<sup>8</sup> (LOBATO, 1972, p. 332). Esse trecho reforça sua oposição a miscigenação.

Contudo, tanto suas obras infantis analisadas “Caçadas de Pedrinho” e “História de Tia Nastácia” e “O Presidente Negro”, o único romance “adulto” escrito por ele, Lobato expressa através da voz inconfundível de Emília, ofensas racistas a tia Nastácia. Dessa feita, em Tia Nastácia ele agredia uma “raça inteira”: “Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça” [...]. (LOBATO 1933 p. 11).

Nesse trecho, ignora a individualidade de Tia Nastácia referindo-se a ela como componente de uma raça como tal, seu nome, nega-se assim a individualidade e a expõe como raça, nivelando-a a sua espécie. Isto é, numa interpretação dessa narrativa à luz das cartas de Lobato nos leva a concluir que a expressão pode ser entendida como “uma preta qualquer” quem é ela? Seu nome? Não interessa, já está identificada racialmente. Raramente,

---

<sup>8</sup> Tênia é a designação dos vermes do gênero taenia que, comumente conhecidos como solitárias, parasitam o intestino humano.

o narrador a chama pelo nome, sempre é chamada de negra ou preta. “Resmungou a preta, pendurando o beijo” (LOBATO, 1933, p. 21).

Essas obras revelaram um sujeito falando “pela boca” de personagens ou narradores, mas o que se nota, no entanto, é a expressão de uma mente racista infundindo suas ideias na narrativa literária. E, isso assegura a perpetuação de uma visão racista iniciada na infância, onde a criança associa o negro a elementos negativos, sempre inferior ao homem de “raça branca”.

Lobato defendia suas convicções expressando na literatura, as vezes de forma sutil, a imagem negativa que adotara em relação aos africanos e descendentes; foi um homem participativo na sociedade, apresentava um espírito de liderança, era anticonvencional por excelência, não tinha medo de falar o que pensava e nem das consequências acarretadas por sua fala. Em outra carta ao interlocutor Godofredo Rangel, Lobato mais uma vez revela não apenas sua personalidade, mas suas convicções aliadas ao pensamento supostamente avançado da época: eugenia e o racismo científico; esse afinamento com o racismo se expressa ao longo da obra “Histórias de tia Nastácia”: -“Estou como plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela”. (LOBATO, 1937, p. 7). Porém, há quem acredite na vertente em que ele estava relatando em suas obras os acontecimentos do momento, de uma forma a mostrar os preconceitos que os negros sofreram após a abolição da escravatura.

Nas suas cartas não deixam dúvidas quanto ao pensamento racial do autor. É difícil separar, nesse caso, o escritor e sua obra, pois sua narrativa literária não deixa dúvidas de que, os estereótipos e expressões racistas em sua literatura resultam de suas convicções pessoais, de suas aspirações de se consolidar uma sociedade dividida entre brancos e negros.

Essas cartas, disponíveis no livro *A Barca de Gleyre* (1972). Segundo Negri, Ruy Castro negava o comportamento racista de Lobato: “As pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo é que querem ‘extinguir a raça negra’ certamente nunca leram uma linha do que ele escreveu. Trata-se de uma atitude ‘politicamente correta de galinheiro’”. (NEGRI, 2011 p. 26).

Nós divergimos completamente da visão de Ruy Castro. Provavelmente sua defesa se fundamenta apenas no seu conhecimento da obra literária, pois para quem analisa suas cartas ou outros escritos encontrará um homem convicto de que o racismo científico é uma verdade com a qual se deve pensar e agir na sociedade, ou seja, só se pode afirmar que

estamos diante de um autor que não apenas era racista, mas também engajado e desejoso de se criar uma sociedade racialmente dividida para evitar a contaminação do progresso brasileiro.

Lobato refere-se à miscigenação como algo vergonhoso:

Mas que feio material humano formiga entre tanta pedra velha! A massa popular é positivamente um resíduo, um detrito biológico. Já a elite que brota como flor desse esterco tem todas as finuras cortêsias das raças bem amadurecidas (NEGRI, 2011, p. 30).

O trecho citado compõe a carta enviada a Arthur Neiva, um médico e amigo eugenista que residia na Bahia. Lobato, não esconde a vergonha e o desprezo que sente pela miscigenação, e para ele a população pobre, preta e mestiça da Bahia é análoga ao esterco. Essa visão esclarece muito sobre os termos utilizados por ele na literatura infantil, sua adjetivação quando se referia a alguma personagem negra resulta de sua crença na suposta inferioridade da raça negra.

A naturalidade que Lobato expõe suas convicções racistas dissipa qualquer possibilidade de considerar neutralidade na sua produção literária. Um homem que lamenta o fato de não termos aqui no Brasil uma *Ku Klux Klan*<sup>9</sup> (*KKK*.) Quando o presidente Ulysses Grant toma conhecimento do grupo, identifica a *KKK* como terrorista e torna-a ilegal.

Enfim, a *KKK* retoma forças após 1915, desta vez, seu alvo não foi somente os negros e os defensores dos direitos civis, mas passaram a perseguir também os “judeus”, “estrangeiros”, “médicos charlatões”, “marginais” e “prostitutas”, as vítimas desse movimento recebia a letra K na testa, para que servisse de exemplo para outros.

Lobato, além de admirador dessa organização supremacista que exterminava negros nos Estados Unidos, ele lamentava o fato de não termos no Brasil um *KKK*:

País de mestiços, onde brancos não tem força para organizar uma *Ku Klux Klan* (sic), é país perdido para altos destinos: [...]. Um dia se fará justiça ao *Ku Klux Klan*; tivéssemos aí uma defesa dessa ordem, que mantem o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva” (NEGRI, 2011, p. 26).

---

<sup>9</sup> Um Grupo racista que surgiu no estado americano do Tennessee em 1886, após a Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão (1861/1865), era uma seita para militares que tinha o objetivo intimidar os negros libertos à base de violência. De acordo com Marcos Junior (2013), a “*KKK*” foi criada pelo General Nathan Bedford Forrest e seus membros eram os veteranos da confederação sulista e militares que lutaram na Guerra. Afim de preservar as identidades, os membros do *Klan* usavam roupas brancas com capuzes que cobriam o rosto e os que tivessem interesse de entrar deveriam passar por um ritual. Acredita-se que essa seita chegou a ter até 5 mil membros.

Lobato, considerado patrono da literatura infantil o qual como já mostramos por diversas vezes utiliza estereótipos raciais ao se dirigir e ao fazer referência as suas personagens negras. Diante disso, não é mais possível considerarmos a possibilidade de desvincular o homem e seus discursos e o artista, são uma pessoa só, não há neutralidade nos contos infantis.

Não negamos, contudo, sua importância ao introduzir obras literárias destinadas ao público infantil. Esse divisor de águas, porém, apresenta em suas obras um teor racista, no modo em que trata a personagem de Tia Nastácia. A figura do negro em sua literatura é sempre maltratada, certamente, ao agredir a identidade de tia Nastácia, sua intenção era afetar todos os negros. Raramente refere-se as personagens chamando-as pelo nome, ou chama de negra ou preta. “– Mas isso não é para entender, Emília – respondeu a negra. – É história”. (LOBATO, 1937, p. 18). Ou ainda “A princesa ficou desejosa de possuir tal toalha, e mandou a preta saber do moço se queria vendê-la”. (LOBATO, 1937 p. 18). Mesmo ele sendo o narrador, não deixa de insultar ora ou outra as personagens negras de sua obra, expressando-se de forma coerente a sua defesa da eugenia e sua visão radicalizada do povo brasileiro. Esses elementos raciais presentes em sua produção literária podem assegurar a reprodução do pensamento a partir da infância, uma vez que, a criança tem acesso a uma linguagem racial e poderá com certa naturalização reproduzi-la.

A criança em contato com essa linguagem racista não terá dificuldade em atribuir os mesmos adjetivos a pessoas negras ou a vê-las com a mesma indignidade que as personagens são tratadas na narrativa literária. Sua interlocução com Godofredo Rangel, seu amigo revela um homem preocupado com o Brasil, porém nos cabe indagar que Brasil Lobato defendia? Ou quais os brasileiros que ele considerava dignos de serem integrados ao progresso nacional?

Como já é sabido, tratamos neste artigo de um autor com renomado prestígio e que conquistou várias gerações com suas narrativas. Todavia, não podemos deixar de revelar o caráter engajado de suas obras, se não se podia ter aqui uma KKK, ele se encarregara de, fundado no racismo científico, negar e atacar a identidade do negro.

Nossa investigação identificou um autor envolvido com doutrina eugênica e com as pretensas teorias do racismo científico, as quais ele considerava como referências importantes para superar o atraso brasileiro, os quais para Lobato estava preso a presença das raças inferiores.

Quando em 1929 ele teve contato com o livro de Renato Kehl “A Esterilização sob o Ponto de Vista Eugênico”, Monteiro Lobato escrevendo ao autor, externou seu contentamento com a tese: “Lamento só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o seu” (NEGRI, 2011, p. 28/29). Kehl, tinha princípios parecidos com o que foi difundido na Europa, conhecido como “eugenia negativa”<sup>10</sup>. Reiteramos, porém que toda forma de aplicação da eugenia é negativa.

Nesse livro, Renato Kehl, segundo Negri (2011), defendia a prática da eugenia como um poderoso instrumento para livrar a sociedade dos indivíduos que ele considerava degenerados. Lobato o elogia dizendo: “um D’ Quixote científico (...) a pregar para uma legião de panças” (gíria usada nos anos 20 que significava pessoas ignorantes). (NEGRI, 2011, p. 29).

Adiante, conforme Negri (2011), Lobato se mostra ainda mais entusiasmado com as doutrinas raciais, por isso, não é difícil explicar porque a repetição de tantos estereótipos raciais em suas produções literárias. Nos parece muito claro que as expressões racistas presentes nos seus textos, não era meramente a reprodução de termos da sua época, era outrossim, uma construção discursiva fundamentada nas suas crenças e nas suas expectativas sobre o futuro do “Brasil como nação e do brasileiro como povo”, para tanto seria preciso, como explicita a narrativa dele, desconstruir a imagem do negro.

Ofender Tia Nastácia nos parece, segundo a posição política do autor, uma forma de agredir simbolicamente a raça: “A boneca fez um muxoxo de pouco caso. Depois, voltando-se para tia Nastácia: - E você, pretona”? (LOBATO, 1933, p. 24). Preta, pretona, negra, não é um adjetivo que expressa a individualidade de Tia Nastácia, e sim a nivela junto ao seu grupo, assim, pela fala das personagens ele coisificava a individualidade.

Monteiro Lobato se dedicou a reproduzir o estigma da raça. Suas personagens são relacionadas a animais ou objetos: “E tia Nastácia, esquecida dos seus inúmeros reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro [...]”. (LOBATO, 1933, p. 23). Temos aqui um caso de atribuição identitária. E, a criança exposta a esse tipo de discurso, passe a encarar com naturalidade a relação ente o negro e essa imagem construída pelo autor.

---

<sup>10</sup> A eugenia negativa proibia que os seres humanos considerados “inferiores” se reproduzissem. Porém, reiteramos que qualquer interpretação ou ressignificação da doutrina eugênica é negativa.

Embora Lobato seja conhecido por sua criação destinada ao público infantil, ele publicou um romance: “O Presidente Negro” ou “Choque das Raças”: “Mais uma vez faz referência a eugenia: “Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate a desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso!” (LOBATO, 1926, p. 6).

A nossa hipótese já salientada é de que estamos diante de um autor engajado, consciente que poderia travar no campo literário a sua guerra racial, o seu ataque ao que considerava responsável pelo atraso do Brasil. O trecho a seguir revela um indivíduo convicto da superioridade racial branca, onde comenta em outro momento em seu livro “Barca de Gleyre” sobre o livro “O Presidente Negro”, Monteiro Lobato diz a Godofredo Rangel:

“O clou será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mais vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes deem pela coisa. (LOBATO, 1972, p. 335).

Sempre se inclina a afirmar a raça branca como sendo a superior, acreditando sempre que a inteligência branca venceria a ignorância do negro. Refere-se ao presidente como preto, e não pronuncia o nome dele, acredita-se que a tal invenção do professor iria acabar com os negros sem que eles ao menos percebessem. Isso nos parece uma metáfora para a sua ideia eugênica e mais uma vez Lobato se apresenta favorável a eugenia.

Isso nos leva a uma outra hipótese referente ao fato de os negros de sua literatura não terem família, podemos concluir daí sua defesa o seu desejo da desapareição dessa raça. Isto é, os “carvões”, “macacos” e “pretos”, referência aos personagens negros, não podiam procriar:

A permanência no mesmo território de duas raças díspares e infusíveis perturbam a felicidade nacional. Os atritos se faziam constantes e, embora não desfechassem como outrora nas violências da Ku Klux Klan, constituíam um permanente motivo de inquietação (LOBATO, 1926, p. 97).

Negri (2011) corrobora para reconhecermos em Monteiro Lobato um homem racista convicto, tão atraído pelas doutrinas raciais que em viagem aos Estados Unidos reitera sua crença para com a purificação da sociedade através da aplicação das doutrinas eugênicas; o recorte acima nos apresenta um sujeito ávido em difundir o pensamento

eugenista no Brasil. Várias vezes que Lobato faz elogios as práticas e movimentos racistas, seja a *Ku Klux Klan* ou eugenia, criticando sempre a mistificação, acreditando que ela degradaria a raça superior.

Enfim, diante do exposto, nosso diagnóstico quanto a Monteiro Lobato, considerado o patrono da literatura infantil, pioneiro nesse gênero no país, como já dissemos, é o de um indivíduo racista convicto e um intelectual engajado na difusão de suas ideias. Consideramos que o autor das cartas e o dos livros infantis são a mesma pessoa e por isso, tanto num lugar quanto noutro ele externa seu pensamento contrário ao pluralismo racial.

### **Considerações finais**

A questão para nós, não é concluir que a literatura de Monteiro Lobato contém ideologias e estereótipos raciais, a questão é afirmar que sua literatura como um elemento de sua subjetividade expressa aquilo que ele era, um racista convicto, consideramos, portanto, as expressões raciológicas presentes em sua obra, é na verdade, seu engajamento em reproduzir na sua literatura aquilo que ele acreditava ser o negro por um lado e por outro como a sociedade deveria se construir.

Sua literatura está intrinsecamente ligada ao racismo científico do século XIX, sua linguagem carregada de adjetivação, revela, do nosso ponto de vista, a reprodução dos discursos raciológicos adaptados no Brasil, isto é, ele não foi o único a expressar o lugar e a identidade do negro no Brasil. Lobato foi a expressão racial da elite brasileira.

Através das cartas trocadas com Godofredo Rangel (1903/1948), Arthur Neiva (1935) e Renato Kehl (1929), todos adeptos da eugenia, Lobato se entusiasmou com a eugenia, expressou assim, sua crença nessa doutrina como solução para o mal da miscigenação. Condenou a miscigenação, via nela a vingança dos africanos.

Por isso, ao termino dessa pesquisa, encontramos um Monteiro Lobato racista convicto, suas personagens negras, além de sofrerem com adjetivações racistas, em geral não integram nenhum núcleo familiar. Nesse ponto, não podemos fazer qualquer afirmação sobre o fato de os negros em suas narrativas não terem famílias, porém, uma pergunta podemos deixar aqui e fazemos com base no que verificamos em seu livro “O Presidente Negro”, onde encontramos a defesa da esterilização “em massa” para livrar o Brasil da mestiçagem, estaria aí a razão para suas personagens negras serem sozinhas? Pois, um negro

ou negra sozinho não poderia dar continuidade a proliferação do que ele acreditava em uma raça infecta.

Enfim, crianças que tem acesso as obras como a de Lobato tem mais probabilidade de portar uma visão racializada da sociedade, posto que, ao ter contato com uma obra carregada de ideias racistas, quando o negro está sempre associada a animais ou agredido com ofensas raciais, assim, a criança tende a reproduzir aquilo que ouviu ou leu, “ou seja,” o que formou a sua consciência social.

Ao finalizar, portanto esse trabalho, concluímos que, de fato Monteiro Lobato, “como filho de seu tempo” reproduziu em suas obras a sua percepção de mundo e sua ideologia, apresentando mais de uma vez o quão era favorável a doutrina eugênica, referindo-se ao negro sempre de forma desprezível.

Isto não significa, portanto, o pensamento hegemônico ser isento de críticas, não exime os indivíduos de estabelecerem juízo sobre o pensamento corrente a respeito da época em que vivem. Assim, assumir o racismo como uma verdade em si, não é algo acidental, trata-se de uma escolha fundamentada naquilo que formou a cosmovisão do autor. Em suma, Lobato internalizou as teorias raciais as quais passaram a nortear sua conduta, não por acidente, mas por escolha, por sua convicção.

## **Referência**

Brasil (STF). Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504>. Acessado em 23.11.2018.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Globo Repórter. *100 anos de Monteiro Lobato* (1982). Rodolfo Gamberini. 33min28s. Disponível em: <https://youtu.be/ozrWJz-btI0>. Acessado em: 06/01/2020

JUNIOR, Marcos. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/ku-klux-klan-resumo-historico-desta-seita/>. Acesso em 16.07.2018.

LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: [www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/projetotematico.pdf](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/projetotematico.pdf) acessado em 23.04.2018

LOBATO, José Bento Monteiro Lobato. *O Presidente Negro ou O Choque das Raças* (Romance Americano do ano de 2228) 1945. 13ª edição. Editora Brasiliense.

LOBATO, José Bento Monteiro, 1882-1948. *A Barca de Gleyre* (Correspondência com Godofredo Rangel; prefácio de Edgard Carvalheiro) 14ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. 60ª edição, 1994. 13ª reimpressão. São Paulo/SP, 2004

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Anastácia*. 32ª Edição, 1995 10ª reimpressão. São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 2004.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870 a 1920)*. São Paulo: Anablume, 1998.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental, 1999. 202p. Disponível em: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)

NIGRI, André. *Monteiro Lobato e o Racismo*. Revista Bravo. 2011.

OLIVEIRA, Mariana. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/audiencia-sobre-livro-de-monteiro-lobato-no-stf-termina-sem-acordo.html> pesquisado em 20.07.2018.

REYES, Bieger Gabriela. XII Seminário de Estudos Históricos. 8 a 11 de setembro de 2015. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/c2a481da-1fa5-4fea-a9c5-1ca79eb0f055/Gabril%20Bieger%20Reyes.pdf>. Acessado em 02.10.2018

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.